

As missões culturais no estado do Rio de Janeiro e sua importância para a história da educação fluminense

Marcia da Silva Quaresma¹

Resumo

Este texto procura analisar e refletir sobre as missões culturais realizadas no estado do Rio de Janeiro nos anos de 1944 e 1945, sob o comando do Interventor Amaral Peixoto. As missões culturais foram inspiradas no movimento das missões culturais mexicanas, que se tornaram fonte de debates e estudos na década de 1940 e 1950, realizando também uma pequena comparação entre os dois tipos de missões. O objetivo das missões culturais no estado do Rio de Janeiro era o de, por meio do cinema, palestras informais, oficinas práticas, visitas às residências e instituições, levar às comunidades visitadas informações sobre saúde, desenvolvimento econômico, civismo, além de conhecer e registrar a vida cotidiana e as necessidades dessa população, informando então ao chefe do governo estadual tais necessidades e solicitações. Este texto aborda aspectos fundamentais nas missões culturais e da sua importância para a história da educação fluminense. Palavras-chave: missões culturais; estado do Rio de Janeiro; educação fluminense.

Abstract

This work aims to analyze and to reflect upon the Cultural Missions that took place at Rio de Janeiro State during the years of 1944 and 1945 under the command of the Interventionist Amaral Peixoto. These Cultural Missions were inspired by the Mexican Cultural Missions that became source of discussions and studies during the 40's and 50's. The goal of Cultural Missions at Rio de Janeiro was to bring the community information about health, economy and civility using cinema, informal talks, practical workshops and home and institution visits. It was also the objective to register the day by day life of the population

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPED/UERJ). Professora da Secretaria de Estado de Educação e Supervisora Escolar da Prefeitura Municipal de Cabo Frio. Conselheira do Conselho Municipal de Educação de Cabo Frio. Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida, *campus* Cabo Frio. Faz parte do Grupo de Pesquisa Ideário Republicano e Educação Fluminense do ProPED/UERJ. E-mail: marciasquaresma@gmail.com

and its needs. All this gathered information was then reported to the State Government. This contribution provides a brief discussion about fundamental aspects of the Cultural Missions and the importance of the Fluminense Educational History.

Keywords: cultural missions; Rio de Janeiro State; Fluminense education.

Resumen

En este trabajo se pretende analizar y reflexionar sobre las Misiones Culturales, celebrada en el estado de Río de Janeiro en el año 1944 e 1945 bajo el mando del interventor Amaral Peixoto. El propósito de la Misión Cultura en el estado de Río de Janeiro fue, a través de películas, conferencias, talleres informales, prácticas, visitas a los hogares e instituciones, llevar para las comunidades visitadas información sobre la salud, desarrollo económico, cívico, y cumplir y registrar la vida cotidiana y las necesidades de esa población a continuación, informar al jefe del gobierno del estado sobre las necesidades y las solicitudes de las poblaciones.

Palabras clave: misiones culturales; estado de Río de Janeiro; educación fluminense.

Através das “missões culturais” muita coisa pode ser feita ainda. O desajustamento em que vive a maior parte das populações do interior é, por si só, um problema em equação. Observá-lo, examiná-lo, estudar-lhe as causas e procurar corrigi-las representa uma contribuição das mais importantes e sérias (FALCÃO, 1946, p.130).

Introdução

Durante os anos de 1944 e 1945 aconteceram no estado do Rio de Janeiro as missões culturais, promovidas pelo governo do estado e conduzidas com grande expectativa pelos governantes. Para podermos entender a importância dessas missões, precisamos, antes, conhecer um pouco do contexto sociopolítico que se apresentava no estado então.

O antigo estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói, possuía a época aproximadamente 50 municípios e passava por muitas mudanças nesse período – décadas de 1930 e 1940 –, tentando retomar o espaço de vanguarda e modernidade que havia tido no período imperial, como província rica, produtora de açúcar, café, que tinha a corte como referência intelectual e considerada “bastião do regime monárquico”. Essa posição

mudou com a abolição da escravidão, a Proclamação da República e as mudanças econômicas que vieram com elas:

[...] o novo estado passara a um papel secundário no direcionamento da política nacional e pela desestabilização de sua economia. Grupos políticos divergentes disputavam o poder durante toda a Primeira República (FERNANDES, 2009, p.18).

Durante a Primeira República, o poder político no estado foi disputado por diferentes grupos, que geraram instabilidade política e econômica; isso causou um atraso no desenvolvimento do estado, pois o período de cada um dos governantes à frente do estado era muito pequeno.

Em 1937, após a instauração do Estado Novo – período de exceção vivido pelo Brasil entre 1937 a 1945 –, no qual o presidente Getúlio Vargas governava de uma forma centralizada administrativamente, valorizava o desenvolvimentismo e o nacionalismo, por meio de atitudes autoritárias e de intensa propaganda de seu governo, assumiu como interventor Ernani do Amaral Peixoto, que governou o estado até 1945 e retornou como governador eleito em 1950 até 1954. Apesar de não conhecer profundamente o estado do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto buscou retomar o crescimento do estado e baseou-se na tradição agrária para essa recuperação, acreditando que pela modernização e valorização do campo o estado cresceria e voltaria a ocupar posição de destaque na vida econômica e política do país.

Para isso, o interventor investiu em ações para valorizar o campo, criando escolas rurais, assistência agrícola, abrindo estradas e, entre outras ações, as missões culturais, tema que vamos tratar especificamente neste texto.

As missões culturais fluminenses (fluminense por se tratar do gentílico do que é natural do estado do Rio de Janeiro), em número de três, aconteceram nos anos de 1944 e 1945. A primeira missão cultural aconteceu de março a maio de 1944 e visitou os municípios de Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio. Essa missão esteve sob

a responsabilidade do Professor Paulo de Almeida Campos. A segunda missão aconteceu em agosto de 1944 e visitou os municípios de Itaguaí, Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati e esteve sob a responsabilidade do médico Cesar Leal Ferreira. A terceira e última missão aconteceu em maio de 1945 e visitou os municípios de Campos e São João da Barra. As equipes das missões eram compostas por voluntários, servidores públicos e profissionais de várias áreas. A partir de 1951, com o retorno de Amaral Peixoto como governador eleito do estado do Rio de Janeiro, encontramos algumas referências a missões educativas rurais – como criação de Comissão Executiva das Missões Educativas Rurais e de valor reservado no orçamento estadual, mas não encontramos registros da efetivação dessas missões educativas rurais.

As missões culturais foram registradas em relatórios próprios e em livros escritos por Rubens Falcão, que foi o diretor do Departamento de Educação da Secretaria Estadual de Educação e Saúde, em 1946 e 1951, e pelo Professor Paulo de Almeida Campos, que chefiou a primeira missão, e em Marta Hees (2000). Encontramos ainda referências às missões no livro “Sistema Educacional Fluminense”, de Jaime Abreu, sobre a campanha de inquéritos e levantamentos do ensino médio e elementar, em 1955, e um pequeno comentário no livro de Eveline Algebaile (2009) “Escola Pública e Pobreza no Brasil”, entre outros.

Partindo dessa pesquisa bibliográfica, buscamos descobrir a origem das missões culturais e podemos dizer que essas missões surgiram baseadas nas missões culturais desenvolvidas no México. Nesse país, essas missões foram iniciadas na década de 1920 e serviram de exemplo para o desenvolvimento da missão cultural fluminense. Essa influência pode ser percebida em 1949, quando educadores mexicanos estiveram aqui no Brasil divulgando a experiência, participando, entre outros eventos, do Seminário Interamericano de Educação realizado em Petrópolis (RJ), em 1949, sendo que as experiências das missões culturais mexicanas eram exaltadas por terem dado excelentes resultados no México e no Chile, e, comparadas com o resultado obtido pelas missões culturais fluminenses, conforme relato Rubens Falcão (1946, p. 127):

A instituição das “missões culturais” foi uma das iniciativas mais proveitosas da administração. Criadas para percorrer o interior, principalmente a zona rural, eram recebidas com interesse e vibração pelas populações. No Chile e no México, onde surgiram pela primeira vez, ficaram patentes os seus resultados.

Ainda buscando as origens das missões culturais, Hees (2000) utiliza as informações do livro “El mejoramiento de la vida campesina”, de Amanda La Barca, para afirmar que:

[...] as ideias originais nasceram na Espanha sob a denominação de Missões Pedagógicas, criadas por D. Manuel Bartolomeu Cossio. Posteriormente, essas idéias cresceram e frutificaram no México, de onde se espalharam por outros países: Cuba, Colômbia, Chile e, mais tarde, Brasil, em terras fluminenses (HEES, 2000, p. 29).

Mesmo com essas referências às missões culturais mexicanas, o que vemos é que, para serem realizadas no estado do Rio de Janeiro, as missões culturais foram bastante adaptadas. Citando ainda livro de Rubens Falcão, de 1951 – “Missões Culturais: uma iniciativa que talvez mereça ser lembrada” –, Hees (2000, p. 122. grifos meus) trancreve:

A idéia das Missões partiu do chefe do governo, que tomara conhecimento do êxito de experiências realizadas no México, na Espanha e em Cuba. Conhecedor das agruras do interior fluminense, Amaral Peixoto reuniu um grupo de técnicos capazes de desenvolver o plano que pretendia ver executado. Feitas as adaptações necessárias, as Missões, verdadeiras “escolas volantes” percorreram onze (11) municípios fluminenses, em sua maioria pertencentes à região litorânea. Devido à objetividade da proposta, da viabilidade e dos resultados obtidos, serviram elas de parâmetro para tantas realizações em todo Brasil.

Sendo assim, vemos um empenho pessoal de Amaral Peixoto em relação às missões culturais, e isso pode ser entendido pelo fato de a

valorização do homem do campo ser um propósito do governo do estado. Esse empenho pode ser revelado também pelo fato de a primeira missão ter sido iniciada após sessão solene na Assembleia Legislativa em Niterói, capital do estado do Rio de Janeiro, presidida por Amaral Peixoto, e que, após o término dessa primeira missão, o interventor ter recebido, em audiência no Palácio de Governo, o grupo de missioneiros para a entrega oficial do relatório referente à primeira missão cultural. Outro fato que posteriormente revela a importância dada por Amaral Peixoto às missões foi a instituição, em 1951, da Comissão Executiva das Missões Educativas Rurais, com sede no Serviço de Difusão Cultural, constituída por representantes das Secretarias de Educação e Cultura, Saúde e Assistência e Agricultura, e o valor destinado a essa atividade no orçamento estadual.

Apesar de, pelo que a bibliografia indica, as missões culturais fluminenses terem sido inspiradas nas missões culturais mexicanas, elas em muito diferem e muitas adaptações foram feitas para atender às comunidades e às expectativas do governo fluminense.

Os objetivos das missões mexicanas eram muito mais amplos e ambiciosos que os objetivos das missões culturais fluminenses, e para essa comparação utilizaremos o texto de Lourenço Filho sobre a Educação Rural no México, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, em 1952, além de outros, como será apresentado a seguir.

Desenvolvimento

3. Os “professores missionários” e as primeiras “missões culturais”

[...] (3) Já em outubro de 1923, porém, em vez da atuação de um só “missionário” em cada localidade, experimentava-se a de um grupo de seis professores, que deveriam constituir como que uma escola normal ambulante. A idéia partira de Roberto Medelin, que chefou o primeiro grupo, ou primeira “missão cultural”, como foi denominada. E a instituição, conforme se verá neste relatório, iria ter evolução muito feliz, a ponto de estabelecer uma nova técnica de pedagogia social.

De fato, de par com a tarefa principal, a de recrutar os mestres, ou monitores, a “missão” deveria subsidiariamente, estudar algumas das questões mais prementes da vida de cada povoação, para esclarecê-las com a população local, e encaminhar as soluções mais convenientes, em cada caso, com apelo à cooperação de todos os habitantes, em ensaios de serviço social de grupo (5).

O primeiro trabalho das missões culturais — diz Inácio Ramírez, das mais ilustres figuras do movimento — foi visitar os centros rurais indígenas, informar acerca de suas condições escolares, intensificar neles os trabalhos contra o analfabetismo, e concentrar os mestres rurais nas zonas mais densas da população indígena. Também estavam incumbidas de propor a espécie de ensino que se deveria ministrar aos núcleos aborígenes, selecionar os professores rurais, estudar as indústrias populares e o modo de desenvolvê-las, além de organizar uma exposição permanente dos produtos dessas indústrias e cooperar com os agrônomos do Ministério da Agricultura no estudo das terras, culturas, clima, comunicação e salários” (6) (LOURENÇO FILHO, 1952, p.152. grifos meus).

O objetivo de recrutar os mestres ou monitores, intensificar os trabalhos contra o analfabetismo e selecionar os professores rurais não fazia parte dos objetivos das missões fluminenses, que buscavam contato com os professores por meio das visitas às escolas e a participação desses professores nas atividades das missões.

A missão fluminense tinha como objetivo:

O objetivo dessas caravanas no Estado do Rio era, sobretudo, prático. Sem visar à discussão de problemas científicos, procuravam a solução imediata de problemas concretos. E, assim, destinavam-se não ao homem culto da localidade, mas ao popular, ao operário, ao trabalhador da lavoura e da pesca. Para alcançar esse escopo utilizavam os instrumentos mais eficazes de difusão cultural: cinema, demonstrações práticas, cartazes, folhetos etc. [...] De sorte que as “missões” tinham ainda esse objetivo: dar ao homem do povo oportunidade para manifestar livremente sua opinião (FALCÃO, 1946, p.130-131).

Podemos, assim, perceber o caráter diferente das missões mexicanas e fluminenses. A missão cultural mexicana tinha uma enorme preocupação com a questão da alfabetização dos povos do interior e com a formação de professores para esses lugares; a missão cultural fluminense mantinha contato com os professores dos lugares onde passavam, mas não havia a preocupação de formar novos professores nem com programas especiais de alfabetização, e sim em promover pequenos cursos para a população em relação à saúde, saneamento, entre outros.

A questão de ouvir a população é também muito importante. Pelo que nos parece, a missão mexicana também tinha esse papel, porém mais destinado a uma visão revolucionária, de doutrinação política radical.

[...] Bajo el liderazgo de Rafael Ramirez, las Misiones Culturales se convirtieron en institutos móviles para la preparación de maestros, y conductos para la radicalización de la política. También influyeron los primeros misioneros de la SEP, que habían ascendido en la burocracia a puestos de mando en las delegaciones estatales de la SEP y escuelas normales rurales. Hombres como Elpidio López, Raul Isidro Burgos, Jesús Romero Flores, José Santos Valdés, Rafael Molina Betancourt y otros se radicalizaron y maduraron por sus experiencias en el campo. Las conferencias en que participaron, como la Asamblea Nacional de Educación de la SEP en 1930 y el Congreso de Directores de Educación y Jefes de Misiones Culturales en 1932, *exigían políticas más ambiciosas*. La educación rural debía satisfacerlas necesidades económicas, *transformando los sistemas de producción y distribuyendola riqueza con fines colectivistas* (SEP, 2000, p.58-59. grifos meus).

Enquanto uma das funções das missões fluminenses era resgatar a cultura local por meio de jogos, brincadeiras e músicas ligadas ao folclore fluminense e nacional, objetivando a recuperação histórica e cultural dos fluminenses, percebemos, na citação seguinte – segundo o texto “La Política cultural en la revolución. Maestros, campesinos y escuelas em

México 1930-1940” –, que erradicar as crenças, costumes que pudessem atrapalhar o aumento da capacidade produtiva das comunidades visitadas, era uma das ideias do criador das missões mexicanas, apesar de verificarmos nos textos pesquisados que a arte popular mexicana era muito valorizada durante essas missões, pelo seu caráter de produtor de renda na localidade. “Todas las costumbres, creencias e ideas que obstaculizabanel aumento de la “capacidade productiva” debían ser erradicadas, escribió Rafael Ramirez, creador de las Misiones Culturales de la SEP” (SEP, 2000, p 55).

A composição das equipes das missões culturais, tanto fluminense quanto mexicanas, era semelhante: funcionários públicos, de vários setores, sendo que as parcerias entre várias secretárias e instituições de assistência social e agrícola eram essenciais para o desenvolvimento das missões.

Nas missões fluminenses temos funcionários públicos voluntários que deveriam ter “espírito missionário”, sendo que:

Não é fácil descobrir esse “espírito de missionário”. A época é de utilitarismo. Por isso, merece o nosso apreço aquele grupo de servidores que, um dia, abandonando o conforto da cidade, partiu para lugares remotos, levando coragem e alegria às suas populações desassistidas. Foram eles: os *técnicos em educação* Paulo de Almeida Campos, José Augusto da Câmara Tôrres e Maria Geni Ferreira da Silva; os *médicos* Cesar Leal Ferreira, do departamento de Saúde e Maria Luiza de Oliva Costa, do S.A.P.S.; o *jornalista* Jaime Quartim Pinto Filho, do D.E.I.P.; as *professoras* Elsa Pereira das Neves e Ester Botelho Orestes, pela L.B.A.; a *professora de Educação Física* Maria Aparecida da Rocha Werneck; os *técnicos de caça e pesca* Décio Saraiva Neves e Alcides Lourenço Gomes; a *enfermeira* Roselis Rebelo; João Sanches Garcia, *fotógrafo e técnico de som*; Joel Fernandes, *operador cinematográfico do Serviço de Coordenação Interamericano*; Newton Gonçalves, *operador cinematográfico*

do Serviço Especial de Saúde Pública e o continuo auxiliar José Tavares Bastos (FALCÃO, 1946, p. 130. grifos meus).

Além dos missionários educadores necessários para desenvolver o trabalho de esclarecimento da população nas áreas de saúde e educação, encontramos técnicos de caça e pesca, para desenvolver essas áreas nas comunidades visitadas, e a importância do registro com fotografos e jornalistas, além da importância dada ao cinema para o desenvolvimento das atividades da missão, o que visibiliza a importância que o Estado Novo dava à propaganda de seus atos, o que foi absorvido pelas missões.

Nas missões mexicanas existia uma preocupação em dar suporte à atuação econômica das comunidades visitadas, com professores de pequenas indústrias e com a parte relativa à saúde sob a responsabilidade da assistente social, não possuindo a variação de técnicos, que existiam nas missões culturais fluminenses, conforme nos mostra Lourenço Filho (1952, p. 123) sobre as missões mexicanas:

Cada uma das “missões” constituía-se, então, do seguinte pessoal: *um chefe*, que se encarregava também de ministrar conhecimentos pedagógicos aos mestres já em serviço nas escolas rurais; *uma assistente social*, para o ensino de higiene, alimentação, noções de enfermagem, puericultura e economia doméstica; *três professores de pequenas indústrias* (conservação de frutas e legumes, trabalhos de couro, avicultura, apicultura, construção de móveis rústicos, fabricação de sabão etc.); e *um professor de recreação e educação física*.

A forma de atuação das missões fluminenses estava baseada em uma programação, com a determinação dos temas que seriam abordados pela equipe da missão e que foi elaborada pelo Departamento de Educação e era dividida em: a vida escolar, que era referente à valorização da escola, organização de clubes agrícolas e pelotões de saúde, assistência médica e social por meio da caixa escolar, entre outras; saúde,

que tratava de doenças da infância, profilaxia, cuidados especiais na adolescência, alimentação, habitação higiênica; agricultura e zootecnia, que se referia à organização da produção, contraste entre rotina e modernidade nos recursos agrônômicos, recomendação de atividades agropecuárias, levando em consideração as peculiaridades locais, combate a pragas e moléstias dos vegetais ou animais; economia doméstica, referente à horta e criação de pequenos animais como fonte de renda, costuras, remendos, reaproveitamento de roupas, preparação de sabão caseiro; educação social e política, que tratava do ambiente material e moral do lar, valorização das artes populares, benefício da cooperação técnica entre população e autoridades, importância do registro civil, valor cultural e econômico do Brasil no mundo, a participação do Brasil na guerra, a constituição brasileira, direito social e aspectos da vida fluminense (FALCÃO, 1946).

A proposta era que as missões não tivessem o caráter oficial, e, por isso, a equipe da missão reunia-se com a população em praças, escolas ou outro local que julgassem adequados e utilizavam como atrativos projeções cinematográficas, músicas, atividades de recreação, oficinas com confecção e demonstração de materiais. Visitavam as casas da comunidade, escolas, igrejas, além de ouvirem a população nas suas queixas, registrando problemas encontrados, que eram repassados às autoridades para que pudessem solucioná-los e, quando possível, resolvendo-os na ocasião mesma, como consultas médicas e melhorias das habitações, entre outras atividades.

Para o desenvolvimento das atividades propostas pelas missões, elas eram equipadas com medicamentos, material de propaganda, folhetos de instruções, projetores de cinema, vitrolas, sementes, vestuários, tênis, tamancos, sabonetes, escolas, pentes, bandeiras, bolas, leite condensado etc. (HEES, 2000).

O cinema educativo foi uma das estratégias mais utilizadas pelas missões culturais, sendo até mesmo criticada essa monopolização do uso desse serviço por conta das missões, como observamos na fala de Jaime de Abreu quando descreveu o Cinema Educativo e o Serviço de Difusão Cultural no organograma da Secretaria de Estado de Educação e Cultura:

Cinema Educativo

[...] Tem o Cinema Educativo a atribuição de promover a exibição de filmes informativos e recreativos nas unidades escolares estaduais, e às populações rurais, quando a serviço da “Missão Educativa Rural”; realiza, ademais, a filmagem de desfiles, competições e aspectos escolares diversos. Justamente porque integra a “Missão Educativa Rural”, a contar de 1951, tem beneficiado menos os estabelecimentos escolares, do que as comunidades por onde tem andado a “Missão” (ABREU, 1955, p. 134-135).

Serviço de Difusão Cultural

[...] Tem ocupado grandemente as atenções desse órgão a “Missão Educativa Rural” que, instituída em 1944, interrompida em 1946 e restaurada em 1951, presta assistência à população da zona rural, percorrendo, em média, três municípios por ano, em oito e nove meses de trabalho, ritmo pelo qual levará cerca de dezoito anos para percorrer todos os Municípios do Estado. Para que sua fulgza a ação se repita num Município, mais de três lustros decorrerão. Constituída de um técnico de educação, um médico, um enfermeiro, uma assistente social, um agrônomo, um veterinário e o técnico de cinema do “Cinema Educativo”, transportados em camioneta, realizam palestras de cunho educativo com o povo em geral e de modo especial com os lavradores, fornece-lhes orientação quanto a técnica de trabalho agrícola, efetua sessões de cinema, realiza reuniões com pais e professores, promove cursos rápidos diversos, cria caixas escolares, clubes agrícolas e bibliotecas, presta assistência médica (vacinação, consultas, injeções, curativos, vermífugos, medicamentos). De regra, o Grupo Escolar é o centro de atividades dessa “Missão”. É de se notar que a Missão é somente para realizar tão complexo trabalho, que, assim, não mantém um mínimo de continuidade e não atinge maior área geográfica do Estado. Tem atuado nos municípios de Magé, Maricá, Saquarema, Araruama, Cachoeiras de Macacu, Itaboraí e Cabo Frio: para esses trabalhos despende o Estado anualmente, em média, 150 mil cruzeiros. Para o planejamento geral das atividades das Missões, foi instituída em 1951, com sede no Serviço de Difusão Cultural, a Comissão Executiva das Missões Educativas Rurais, constituída do diretor desse Serviço e de um representante de cada uma das Secretarias de Educação e Cultura, Saúde e Assistência e Agricultura (ABREU, 1955, p. 139-140).

Como podemos perceber, as missões não eram unanimidade em sua realização. Jaime Abreu (1955) diz claramente que as missões eram caras e atingiam poucos municípios por vez e não mantinham continuidade dos serviços prestados a essas comunidades. Outra crítica feita às missões pode ser encontrada no livro “Escola Pública e Pobreza no Brasil: a ampliação para menos”, de Eveline Algebaile que diz:

4- A escola como “excedente de poder” e os “problemas da fé”.

[...] Propostas como a implantação de instituições intra e periescolares, que buscavam agregar ações e formas organizacionais já existentes, eram apropriadas de diferentes modos e por diferentes forças e setores, de maneira que sua realização jamais era a aplicação exata de um projeto e a expressão de uma intenção “pura”. Do mesmo modo, a realização de projetos como os das missões culturais no Rio de Janeiro, nas décadas de 1940-50, podia implicar outras formas de indiferenciação entre propósitos de conservação e de mudança. De fato, as caravanas das missões, compostas por professores, médicos e outros profissionais imbuídos de propósitos modernizadores, eram, como mostra Hees (2000), recepcionadas localmente com eventos cívicos promovidos pelas prefeituras, de cuja organização participavam “autoridades” relacionadas a outras formas de poder local, como ligas da bondade, igrejas ou grandes proprietários. Assim, os principais representantes das relações locais que produziam a escola precária eram os mesmos que abriam as portas da municipalidade e dessas escolas para as preleções civilizatórias, apresentando-se como agentes irmanados pelos ideais de modernização (ALGEBAILLE, 2009, p. 199).

Algebaile coloca as missões culturais fluminenses como projetos periescolares, aos quais, apesar de terem intenções modernizadoras, eram meios de conservação da ordem estabelecida – uma das diferenças para as missões mexicanas, que buscavam mudar a ordem econômica e política estabelecida e que, por esse motivo, foram encerradas: “Después de 1938, Lázaro Cardenas le cortó las alas radicales a la SEP. [...] Las

Misiones Culturales de la SEP fueron clausuradas, como respuesta a las críticas recibidas por su carácter de agitación” (SEP, 2000, p. 67).

Temos como relatos dos resultados das missões culturais fluminenses relatórios que foram apresentados ao interventor do estado, informando o que foi encontrado, observado e registrado nas visitas das três missões culturais.

Podemos perceber nesses relatórios que a maior necessidade por parte da população era assistência médica, social e educacional, pois, mesmo quando essas instituições estavam presentes, era visível a falta de infraestrutura e de manutenção.

Marta Hees (2000) nos mostra um aspecto muito interessante em relação aos locais escolhidos para receber as visitas das missões culturais dos anos de 1944 e 1945:

Os pontos do Estado, onde o povoamento se fez no início da colonização foram os mesmos visitados, tantos anos depois, pelas Missões Culturais. Campos; a planície de Cabo Frio, entre os rios Itabapoana e Macaé; o recôncavo do Rio de Janeiro e faixa do litoral que vai de Angra dos Reis a Paraty. Os missionários dos anos quarenta tinham objetivos mais abrangentes e em conformidade com a sua época, entretanto, alguns objetivos eram semelhantes aos dos primeiros governantes da velha Província, especialmente no que se refere a fixação e a assistência ao homem do campo, a busca da integração entre particulares e autoridades e, ainda, no combate ao isolamento (HEES, 2000, p. 77).

Não encontramos registros dos motivos que levaram às escolhas dos locais para realizar essas missões culturais, mas podemos analisar as informações contidas no Quadro 1, em relação à população atendida pelas três missões culturais em 1944 e 1945, observando-se que a população rural se apresenta como maioria nos municípios atendidos – não que isso fosse exceção na década de 1940 –, porém é um fato que pode justificar essa escolha.

Quadro 1 – População de fato por situação de domicílio segundo municípios atendidos pelas missões culturais (1940).

Municípios das missões culturais/Estado do Rio de Janeiro	População				
	Total	Urbana e suburbana	%	Rural	%
Maricá	18.892	1.971	10,4	16.921	89,6
Saquarema	18.970	1.521	8,0	17.449	92,0
Araruama	25.049	2.070	8,3	22.979	91,7
São Pedro d'Aldeia	17.217	1.051	6,1	16.166	93,9
Cabo Frio	14.948	8.163	54,6	6.785	45,4
1ª Missão Cultural (subtotal)	95.076	14.776	15,5	80.300	84,5
Itaguaí	15.920	4.599	28,9	11.321	71,1
Mangaratiba	7.980	2.414	30,3	5.566	69,7
Angra dos Reis	18.583	6.783	36,5	11.800	63,5
Parati	9.673	1.554	16,1	8.119	83,9
2ª Missão Cultural (subtotal)	52.156	15.350	29,4	36.806	70,6
Campos	223.373	66.644	29,8	156.729	70,2
São João da Barra	39.431	5.295	13,4	34.136	86,6
3ª Missão Cultural (subtotal)	262.804	71.939	27,4	190.865	72,6
Missões Culturais (total)	410.036	102.065	24,9	307.971	75,1
Estado do Rio de Janeiro (total)	1.847,857	70.3201	38,1	1.144,656	61,9

FONTE: IBGE. Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro/1940). Série Regional. Parte XV – RJ, 1951. p.51 (apud HEES, 2000, p. 124).

Ainda segundo Hees (2000, p. 152):

A população alvo das Missões Culturais era constituída das famílias dos alunos das escolas publicas, e das professoras, cujo perfil já foi definido e, ainda, de trabalhadores das indústrias, de agricultores, e de pescadores. Os agricultores foram descritos por Paulo Campos como um pessoal mais acessível, dócil, confiante, com maiores esperanças a respeito do que se lhe pode oferecer. Já o pescador, menos acessível, independente, altivo, confia menos. Entretanto, o professor admite que, todos, ao identificarem os propósitos dos trabalhos reconheciam agradecidos a orientação recebida a par da contribuição material deixada para seus filhos.

O que podemos concluir é que as missões culturais fluminenses foram uma maneira de o interventor Amaral Peixoto ouvir, sem as interferências políticas locais, as queixas da população e buscar melhorar o atendimento ao homem do campo, evitando, assim, que ele migrasse para as cidades, abandonando a zona rural e inchando as cidades de mão de obra desqualificada, o que traria grandes prejuízos ao seu programa de modernização e de industrialização das cidades. O interior, que tantas riquezas havia produzido para o estado, não poderia ser fonte de problemas. Além desse aspecto econômico, havia também o aspecto político: as equipes das missões eram a representação do interventor, eram a oportunidade de o interventor se fazer presente em muitos lugares, aos quais, apesar das suas constantes viagens ao interior do estado, ele não conseguia chegar e levar a imagem de governante preocupado com as necessidades básicas, do dia a dia de seu povo.

A inspiração nas missões mexicanas mostrou que medidas tomadas em países americanos poderiam ser utilizadas aqui no Brasil, adaptadas ao contexto político da época, e que a busca por uma educação que melhorasse o cotidiano do homem do campo, que fosse prática, que pudesse melhorar a saúde, a alimentação, a geração de renda da família brasileira, era possível. E ainda que a observação da vida na comunidade atendida poderia revelar que o governo do estado poderia investir mais para o desenvolvimento dessa localidade.

As missões culturais do estado do Rio de Janeiro foram uma experiência temporária, mas que deixaram na lembrança de muitos e nos registros encontrados a memória de um Brasil e de um estado do Rio de Janeiro de contradição, esperança e expectativa; contradição em relação ao projeto político desenvolvido, ou seja, apesar do Estado Novo, do período de exceção política, procuravam dar voz ao homem do interior, que muitas vezes não era ouvido nem pelos políticos locais; esperança na educação, que seria a ação transformadora da realidade das pessoas; expectativa no país e no próprio estado do Rio de Janeiro, que se anunciava como moderno, desenvolvido, e que possuía um projeto de nação que toda população deveria e queria fazer parte.

Recebido em: 17/04/2012

Aprovado em: 13/06/2012

Referências

ABREU, Jaime. *O sistema educacional fluminense: uma tentativa de interpretação crítica*. Rio de Janeiro: INEP, 1955.

ALGEBAILLE, Eveline. *Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos*. Rio de Janeiro: Lamparina/ FAPERJ, 2009.

FALCÃO, Rubens. *Novos caminhos na educação fluminense*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

HEES, Martha Pereira das Neves. *As Missões Culturais no Estado do Rio de Janeiro: jornadas educacionais entre o assistencialismo religioso e o missionarismo político*. 2000. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. A educação rural no México. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. XII, n. 45, jan./mar. 1952.

SEP. *La política cultural en la Revolución. Maestros, campesinos y escuelas em México 1930-1940*. La Biblioteca para la actualización del Maestro estuvo a cargo de la Dirección General de Materiales y Metodos Educativos de la Subsecretaria de Educación Basica y Normal. México, 2000.